

## Vidas em formação: narrativas de acadêmicos sobre a experiência na graduação em Psicologia

### Lives in formation: narratives of undergraduates on their experiences in the Psychology major

Lucas Monteiro Pellá<sup>1</sup>, Claudia Regina Magnabosco-Martins<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Centro-Oeste. Irati, Paraná, Brasil. ORCID: 0000-0003-4226-9107. lucas\_pella@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Autora para correspondência. Universidade Estadual do Centro-Oeste. Irati, Paraná, Brasil. ORCID: 0000-0002-4327-949X. claudiamagnabosco@gmail.com

**RESUMO** | A partir de uma intervenção sobre sofrimento psíquico na universidade, buscamos compreender a experiência de vida na graduação em psicologia na contemporaneidade por meio de uma pesquisa qualitativa. Em outubro de 2017 foram produzidas narrativas com seis estudantes do 3º ano do curso de Psicologia da UNICENTRO, Irati, Paraná, Brasil, com média de 21 anos de idade, advindos de outras cidades do país. Analisadas pela perspectiva de Bertaux, as narrativas revelaram significativa diferença entre as expectativas dos estudantes no ingresso na graduação e seu cotidiano e em como percebem e se posicionam perante a vida e o mundo atualmente. Narram sentir uma sobrecarga provocada por cinco fatores: a) curso público e integral com grade curricular extensa; b) diversidade de teorias, disciplinas e práticas ministradas ao mesmo tempo; c) quantidade de leituras, reflexões e/ou tarefas para além das aulas; d) conteúdo denso e inquietante; e) uma exigência ética da Psicologia. Relatam sofrimento na forma de distanciamento de familiares, amigos e atividades prazerosas; cansaço geral e mental, disfunções no sono, nervosismo, preocupação, ansiedade, angústia, culpa, tristeza e pressão e solicitam a criação de múltiplos espaços de assistência estudantil. O estudo apontou para a multiplicidade de modos de ser estudante e experimentar a graduação, e para a complexidade dessa vivência constituída em um mundo em constante mutação e produção de demandas. Indica a urgência da Universidade e seus diferentes atores refletirem sobre seu papel diante de novas questões oriundas da maior diversidade de estudantes e suas necessidades. São essenciais pesquisas com maior número de acadêmicos, de distintos cursos e instituições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudantes de psicologia. Ensino superior. Saúde mental de estudantes. Assistência estudantil. Formação em psicologia.

**ABSTRACT** | An intervention on psychic suffering during an undergraduate course revealed a life experience with regard to the current Psychology Course, through a qualitative research. Narratives by six third-year Psychology students, average age 21 years and hailing from different cities, studying at the Unicentro, Irati PR Brazil, were produced during October 2017. Analyzed Bertaux's perspective, the narratives revealed a significant differences existed between expectation of students at the start of the undergraduate course and day-to-day experience, and the manner they perceived their life and positioned themselves in the face of actuality. The students narrated the experience of an overload caused by five factors: a) an integrated undergraduate course with a comprehensive curricular grade; b) a great amount of theories, disciplines and several types of practices taught simultaneously; c) reading of many texts, discussions and tasks outside the classroom; d) dense and upsetting contents; e) the ethical requirements of Psychology. The undergraduates reported on the suffering due to distance from family, friends and activities that give pleasure when they were asked for the establishment of multiple spaces for student assistance. They also registered general and mental fatigue, sleep dysfunction, nervousness, worries, anxiety, angst, feelings of culpability, unhappiness and pressure. The study also revealed several ways for being a student and living through an undergraduate course, with great complexity in a shifting world, full of demands. The study also demonstrated the need for the university personnel and other agents to discuss their role in the wake of new issues hailing from the great diversity of students and their requirements. Further research with a greater number of undergraduates, from different courses and institutions, are required for in-depth studies on the subject.

**KEYWORDS:** Undergraduates in psychology. Higher education. Students' mental health. Students' assistance. Formation in psychology.

## Introdução

Era dezembro de 2016 quando um coletivo formado por estudantes de psicologia de uma universidade do interior do Paraná realizou uma intervenção sobre o adoecimento psíquico na universidade. Acadêmicos do curso de psicologia vestiram camisas de força, mordanças, usaram maquiagem nos olhos forjando olheiras e seguravam placas escritas: “insônia”, “estresse”, “cansaço”, “ansiedade”, “tarja preta” “pânico” e cartazes com frases impactantes como “estamos adoecendo, vocês não estão vendo?” “todo dia uma pessoa diferente sai chorando da universidade” “grade curricular aprisiona consciências” e “ter crises de ansiedade por causa da universidade não é normal” foram colados nas paredes do corredor que levava ao departamento de psicologia.

A intervenção produziu discussões sobre saúde mental e sofrimento na universidade entre estudantes e docentes do departamento de psicologia ao longo dos meses que se seguiram. A ação foi registrada e publicada no Facebook e teve uma grande repercussão na rede social com mais de 25 mil reações, 14.365 compartilhamentos e 5.200 comentários de pessoas com críticas, identificações, apoio e ofensas. Ao participar dessa experiência e manter contato com estudantes com repetidas queixas quanto ao seu estado de saúde ou mesmo ao presenciar seus mal-estares, questionamo-nos sobre o que está acontecendo na universidade para tantas pessoas relatarem sofrimento e adoecimento? Seria possível tomar como esperado haver tantos episódios de sofrimento psíquico durante a graduação? Como tem sido percebida a saúde mental dos estudantes?

Tais questionamentos ecoaram os desconfortos dos autores pois, no caso do primeiro, enquanto estudante de psicologia, entrou em contato com o próprio sofrimento e o de colegas de sua turma, e, em conjunto com a segunda autora, docente do mesmo curso, puseram-se a pensar sobre as formas de se produzir saúde mental e acolhimento no ambiente acadêmico, colocando suas experiências pessoais em questão e se perguntaram sobre o que tem causado a percepção e vivência de sofrimento tão intenso no mundo universitário. Colocou-se em dúvida ainda se tais situações estavam sendo vivenciadas por outros ou apenas pelos autores e seus grupos.

Nesse movimento de reflexão percebemos que entender e investigar a produção de saúde e adoecimento no contexto acadêmico requer compreender também a experiência de vida das pessoas na graduação com suas muitas vivências e múltiplos significados que a trajetória no ensino superior pode adquirir. Como então entender as angústias relatadas por um estudante sem conhecer sua rotina, sua trajetória pessoal, suas relações e contexto de vida? Pois, a vida, em sua complexidade, encontra na atividade acadêmica outros modos de produzi-la, incitando a uma pluralidade de experiências e sentidos que marcam a vida das pessoas e suas identidades, levando-nos a afirmar que o ensino superior constitui as subjetividades assim como também é constituído pelos sujeitos que o integram, realizando um movimento de modificar e ser modificado, de construir e ser construído.

Assim, além da formação acadêmica, profissional e intelectual que as instituições de graduação exercem, um olhar mais apurado pode notar que tais instituições são também formadoras de sujeitos, de modos de viver, de vidas. São vidas em formação. Nessa direção, Bardagi e Huts (2005), afirmam que as instituições de ensino superior não devem se preocupar apenas com o desempenho acadêmico, a frequência escolar e a formação profissional dos alunos mas também com a constituição de vida e a formação integral do estudante nesses espaços.

Trata-se então, de um estudo que busca o entendimento mais apurado de vivências que são singulares e, por isso, tem de ser levadas em conta na maneira de nelas atuar, mas que são também compartilhadas e dizem de toda uma geração de estudantes de ensino superior que podem estar passando por situações semelhantes, sem que haja denso conhecimento científico a respeito. Tal ausência pouco gera possibilidades de subsidiar ações no meio acadêmico para conhecer e intervir nesse cenário tão alarmante.

Se, então, a universidade exerce um papel importante na vida dos acadêmicos, o que tem acontecido para a experiência na universidade constituir vivências ora de realização pessoal e produção de saúde, ora de sofrimento e produção de adoecimento? Na tentativa de entender essa complexa produção da subjetividade contemporânea na universidade, o

objetivo da nossa pesquisa foi compreender como tem se dado a experiência de vida na graduação para estudantes de psicologia de uma universidade estadual do interior do Paraná.

A fim de entender melhor o que é essa experiência de vida na graduação, seguiremos com uma breve contextualização do ensino superior brasileiro e dos estudos feitos sobre saúde mental e qualidade de vida na universidade. A entrada no ensino superior é um momento marcante na vida daqueles jovens e adultos que têm essa possibilidade. No ano de 2014, 6.755.166 brasileiros concorreram a uma vaga em universidades públicas brasileiras por meio dos vestibulares e do SISU/ENEM (Sistema de Seleção Unificada/Exame Nacional do Ensino Médio) e as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do país ofertaram um total de 639.678 vagas nas universidades municipais, estaduais e federais (INEP, 2014). Os números nos mostram que o acesso ao ensino nas universidades é, além de um marco na trajetória de vida, restrito a uma pequena parcela da população, como esta da qual tratamos aqui.

Mancebo et al (2015) mostra que apesar de restrito, o acesso ao ensino superior teve uma expansão do número de matrículas presenciais e a distancia entre 1995 e 2010 passando de 1.759.703 em 1995 para 6.379.299 em 2010, constatando um crescimento da ordem de 262,52% em dezesseis anos. Contudo, a maior parte (77%) desse montante diz respeito às matrículas em IES privadas, refletindo a recente tendência à privatização da educação no Brasil e no mundo (Mancebo et al, 2015).

Mesmo com a ascensão das políticas de inclusão nas IES públicas, as limitadas vagas fazem com que os estudantes que nelas consigam ingressar realizem essa transição de forma disputada e o acesso ocorra em meio à muita pressão e competitividade (Polydoro, 2000). Tal condição reflete o modelo capitalista da sociedade vigente e em razão da desigualdade posta nas relações sociais observam-se as diferentes condições de acesso dos concorrentes ao ensino superior antes mesmo de seu ingresso na universidade.

Um fenômeno que tem chamado atenção de pesquisadores e componentes do ambiente acadêmico é a evasão universitária. Bardagi e Huts (2005)

realizaram uma revisão bibliográfica sobre os estudos tratando da temática e compuseram um modelo explicativo sobre a temática, dizendo que “a percepção de satisfação/insatisfação com a escolha, a decisão de permanência/evasão é fruto de um processo multideterminado e longitudinal, e tem sido estudada como um fenômeno que resulta da relação dinâmica e recíproca entre as condições pessoais, as características institucionais e os grupos de interação do aluno” (p. 283). A literatura revisada pelos autores elenca vários aspectos como determinantes do descontentamento relacionado à evasão como parte também de um grupo heterogêneo de estudantes evadidos. Entre esses aspectos são citados a pouca integração à universidade, expectativas não correspondidas, aspectos da vida escolar anteriores à entrada no curso (deficiências escolares, falta de apoio à escolha), descontentamento com questões institucionais (horários das disciplinas, falta de cursos noturnos, impossibilidade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo), mau desempenho no curso, reprovações e atraso, problemas financeiros, falta de informações sobre o curso e a profissão (Bardagi & Huts, 2005).

A evasão está relacionada ao contexto do aluno e as condições que lhe são oferecidas, demonstrando a necessidade de espaços institucionais com programas de intervenção e políticas públicas que deem suporte às dificuldades do aluno como serviços universitários de apoio ao estudante. Os modelos de intervenção recomendados pelos autores abarcam desde a saúde mental geral e atendimento psicológico como a orientação profissional e planejamento de carreira, propiciando iniciativas próprias de cada universidade com intervenções direcionadas para as dificuldades específicas de determinada instituição e grupo de estudantes (Bardagi & Huts, 2005).

Com a democratização do ensino superior, permitiu-se acesso de uma gama de alunos com diferentes desempenhos, variadas condições socioeconômicas e cujas escolhas podem ter sido influenciadas por fatores diversos. Segundo Bardagi e Huts (2005) a massificação do ensino universitário propiciou a entrada de um público plural com as mais diversas necessidades e demandas, sendo que os cursos de graduação precisam levar em conta essa variação e observar se há uma tentativa de atender a todos os estudan-

tes com as mesmas antigas instalações, cursos, currículos e métodos de ensino de quando se respondia apenas a uma pequena elite social.

A notada pluralidade no corpo discente que compõe as universidades na atualidade remonta a uma heterogeneidade referente ao perfil socioeconômico e cultural, faixa etária, trajetória profissional e história acadêmica anterior, habilidades básicas e expectativas em relação à graduação dos estudantes. É de se esperar que, com tantas configurações subjetivas diferentes, também sejam múltiplas e diversas as experiências de vida que os diferentes perfis de acadêmicos vivenciam durante a graduação em um curso superior.

Dessas singulares experiências que cada trajetória de vida pode encontrar no ensino superior é comum que esse período educativo coincida com transformações significativas no âmbito do desenvolvimento pessoal e profissional daqueles que podem dele usufruir. Polydoro (2000) faz uma revisão bibliográfica abordando as principais transformações que comumente acontecem junto com o ingresso na universidade e relata: a separação de sua comunidade, cidade ou condição anterior; a integração à nova comunidade e o aprendizado de seus valores, normas, padrões, expectativas para com o ingressante; a definição de uma carreira profissional e a possibilidade de uma melhor inserção no mercado de trabalho; as mudanças peculiares da adolescência e da vida adulta como a construção da identidade, o desenvolvimento da autonomia e das relações interpessoais.

Considerando essas características, podemos afirmar que a entrada no ensino superior é crucial para a formação da identidade dos ingressantes na universidade e como esse processo é marcante pela maior ou menor possibilidade de produzir bem estar e saúde. Nessa direção, verifica-se recente produção científica abarcando a relação do ensino superior com sinais de adoecimento psíquico como transtornos de ansiedade (Ferreira et al, 2009; Oliveira, Pereira, Carreiro, Coutinho & Coutinho, 2017), estresse (Furtado, Falcone & Clark, 2003) e índices de suicídio (Vasconcelos-Raposo, Soares, Silva, Fernandes & Teixeira, 2016; Pereira e Cardoso, 2015; Dutra, 2012). Tal pauta tem aparecido ainda em reportagens como a “Estresse: quando a facul-

dade vira uma máquina de moer gente” realizada pelo jornal da USP (Gomes, 2017) e a divulgação midiática de casos de suicídio entre universitários nos últimos anos.

Os estudos tentam estabelecer relações causais entre esses diferentes sinais de adoecimento e o contexto universitário. Para Ferreira et al (2009), o aumento expressivo da ansiedade na população está relacionado às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico, social e cultural e a vivência das pessoas em um cotidiano com muitas exigências e adaptações a novos ritmos de vida. No caso dos estudantes universitários a maior carga de estresse ocorre devido a longas jornadas de estudo e cobranças pessoais de professores e familiares, juntamente com a crise vivenciada pela adaptação a um novo papel social – o de adulto jovem (Ferreira et al, 2009), no qual um dos ritos sociais de passagem de um novo ciclo de vida é justamente desenvolver-se em uma profissão ou a entrada no mercado de trabalho. Cabe ressaltar aqui que esse se constitui em um dos modos de ser jovem e estudante universitário, configurando uma das maneiras de ocorrer o desenvolvimento humano, restrito a uma parcela populacional que tem acesso a bens de produção e consumo que os possibilita ter o estudo como atividade central de sua vida, dependendo de outros para nutrir seu sustento. Tais delineamentos não são consensuais e nem tampouco generalizáveis, pois há uma diversidade de outros modos de viver o mundo e a universidade que não o que aqui caracterizado, tal como o de estudantes que trabalham e cursam sua graduação ou daqueles que desde muito cedo adentram o mercado de trabalho.

Furtado, Falcone e Clark (2003) avaliaram os índices de estresse em estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro e os participantes da pesquisa apontaram as principais fontes estressoras de sua experiência acadêmica: professores injustos, excessiva quantidade de matérias para estudo e avaliações, provas orais, falta de tempo para diversão, expectativas como futuro médico e o medo de fracassar nos estudos. Nesse estudo foram apontados também os traços de personalidade dos alunos que podem torná-los mais vulneráveis ao estresse, a exemplo do perfeccionismo e dos traços obsessivos compulsivos de personalidade (Furtado et al, 2003).

Dutra (2012) faz uma reflexão a partir da analítica existencial do suicídio em jovens universitários e considerando o crescente número de tentativas e ocorrências de suicídios nos últimos anos, lança as perguntas: o que faz com que esses jovens não estejam desejando viver? Que contexto de mundo é esse que favorece o aumento do número de jovens que não estejam desejando viver? Responde a tais questões pela compreensão de que se vive em um mundo em que impera o imediatismo, a pressa, a eficiência, o consumo e gera a “coisificação do ser humano, nesse contexto social, tudo se esvai, como um líquido que escorre por entre nossas mãos sem que consigamos senti-lo por muito tempo, inclusive os vínculos afetivos” (Dutra, 2012, p. 932).

Ainda na tentativa de entender que mundo é esse que tem produzido o suicídio, Dutra descreve a sociedade contemporânea marcada “pela cultura midiática, cuja filosofia preconiza a busca da beleza, a valorização da imagem, a aparência e a felicidade a todo custo” (Dutra, 2012, p. 933). É essa mesma sociedade que não tolera ou permite tristezas, falhas e imperfeições, como se fosse proibido existir enquanto um ser incompleto e finito.

Entendemos que a produção de conhecimento científico sobre a experiência do estudante na graduação se justifica e é fundamental para uma compreensão qualitativa e contextualizada da temática saúde mental e sofrimento na universidade. Ainda, o grande aporte de conhecimento elaborado é relevante para o planejamento de ações voltadas à produção de vida no ambiente acadêmico. A Psicologia é uma das ciências que pode ocupar-se e intervir com conceitos e ferramentas específicas no sentido de compreender como a vivência do período no ensino superior tem efeitos na saúde mental e subjetividade dos estudantes, podendo fornecer subsídios para atuações com esse público.

Lançamos mão de um olhar que foca nos sujeitos enquanto produzidos em uma integração indivíduo/ambiente, levantando as questões da conjuntura social, política e econômica como produtoras daquilo que forma o humano e seu movimento de vida e adoecimento. Neste sentido, cabe também entender criticamente a historicidade da saúde mental no ensino superior compreendendo as produções de vida e as relações sociais no trabalho e no capital, tendo

como uma de suas expressões a competição por notas e/ou modos que permitam maior visibilidade de seu desempenho. Nessa sequência de pensamento, para muitos a estadia no ensino superior pode significar a realização de um sonho, a obtenção de conhecimento ou a possibilidade de crescimento profissional, enquanto para outros pode se tornar sinônimo de pressões, angústias, adoecimento, incertezas sobre o futuro e fragilidade pessoal ou mesmo a variação entre os dois pólos.

Em se tratando de um estudo no ensino superior em Psicologia, há que se ponderar que a formação do psicólogo é orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para Cursos de Graduação em Psicologia (Resolução nº 15, 2011) que preconiza o preparo de profissionais atentos e comprometidos à promoção de qualidade de vida de indivíduos, grupos, organizações e comunidades e uma de suas competências e habilidades é a atenção à saúde. Por meio dela, os profissionais devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção e proteção de reabilitação da saúde psicológica e psicossocial, tanto em nível individual quanto coletivo e realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e princípios da ética/bioética. Além disso, a formação deve desenvolver competências que garantam o desempenho e atuação do formado em psicologia a partir do domínio básico de conhecimentos na área e da capacidade de utilizá-los em diferentes contextos que demandam sua investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicossociais e na promoção de qualidade de vida (Resolução nº 15, 2011).

No entanto, esse movimento não se reduz às práticas de estágio, pesquisa e extensão da universidade, situações em que o aluno se volta para a comunidade ou para uma produção externa de conhecimento e intervenção. Está a serviço também como instrumento e condição para que ele pense sua própria trajetória acadêmica e o contexto em que ele pertence, avalie e aja neste lugar construindo novas práticas e possibilidades de se relacionar, organizar, levar a vida e tornar-se sujeito no momento da graduação. Desta forma, abre-se terreno para que a própria graduação em psicologia, que comumente se preocupa com a saúde dos indivíduos e dos grupos alheios, encontre coerência também em voltar ao seu próprio contexto e preocupar-se

com a saúde psíquica dos próprios acadêmicos e investigá-la, analisá-la, compreendê-la e discuti-la.

## Método

Como conhecer em profundidade a vivência do estudante de psicologia senão aproximando-se dele e a partir de uma relação estabelecida e permitir-lhe falar sobre sua experiência? Essa foi a escolha metodológica traçada nesse estudo que, dentre os diferentes caminhos e possibilidades metodológicas para investigar as vivências acadêmicas, encontramos nas narrativas a condição de abrir espaço e lugar aos próprios universitários e universitárias narrarem suas experiências, sentimentos e pensamentos em relação à vida na universidade. Não há dúvidas que sem a participação destes não conseguiríamos tecer uma compreensão efetiva sobre o fenômeno estudado.

Nesta investigação ocupamo-nos de um objeto de estudo complexo que é a experiência vivida na graduação, os sentidos que lhe são atribuídos e também as subjetividades marcadas por um tempo-espaço e por essa atribuição está situada no campo das pesquisas qualitativas segundo o conceito de Pires (2008). Ainda segundo esse autor, são características desse tipo de pesquisas e especificamente dessa, a “construção progressiva do próprio objeto de investigação”; a “capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e experiência vivida”; a “capacidade de englobar dados heterogêneos ou combinar diferentes técnicas de coletas de dados” (Pires, 2008, p. 90).

A escolha de produzir conhecimento científico sobre a experiência de pessoas com as pessoas e a partir delas próprias tem sintonia com o paradigma qualitativo de pesquisa (Pires, 2008) na compreensão de que a explicação científica possa se dar em um “processo de produção do conhecimento que se adequa progressivamente através da interação entre observador e observado” (Melucci, 2005, p. 34), produzindo o que autor denomina de “narrativa de narrativas”. Partilhamos a noção de Campos (2011) ao entender que essa abordagem é favorável para responder como se sentem determinadas

pessoas, explicar porquê e também para a investigação de objetos de estudos históricos, sujeitos a interpretação e melhor estudados em seu ambiente natural (Campos, 2011, p. 270). Dessa forma, assume-se que o conhecimento produzido é relativizado e específico ao contexto particular do qual emerge em um momento e espaço determinados, uma vez que é historicamente produzido e está marcado por seu caráter social.

A atividade dos participantes no processo de desenvolvimento da pesquisa e as informações dela decorrentes em formato de narrativas tal como se realizou neste estudo tem sido utilizada em pesquisas qualitativas em saúde para a construção de avaliações de fenômenos que considerem os sujeitos usuários e trabalhadores para a compreensão dos processos de saúde e de trabalho em que estão envolvidos (Moreira & Onocko-Campos, 2017; Campos, 2011; Magnabosco-Martins & Cecilio, 2014).

As palavras de Brockmeier e Harré (2003, p.531) descrevem as narrativas como “formas em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência de mundo e de nós mesmos” e para além de uma representação de algo, narrar é constituir uma realidade dando contorno a desejos, conflitos, intenções e medo s. Entendemos também as narrativas como uma ferramenta que media a experiência subjetiva vivida e a possibilidade de inscrevê-la no social, inserindo-a em um campo político (Campos, 2011), ao mesmo tempo em que possibilita a significação das experiências a partir do reconhecimento dos aspectos singulares e coletivos/sociais das vivências narradas. Narrar é isto: permitir que a vida vivida em meio ao fluxo de ideias, afetos e recordações encontre a palavra e circule através da possibilidade de ser comunicada para alguém que se dispõe a ouvi-la.

Pois é como diz Campos (2011, p. 1275): “as narrativas nunca estão “prontas” no interior dos sujeitos, prestes a serem “extraídas”: elas são sempre construções que nascem de uma relação” e se são frutos de uma relação, importa também problematizar a relação estabelecida com os outros ouvintes – no caso dessa pesquisa, o pesquisador e os outros participantes da pesquisa. Pois, o ato de compartilhar ou não compartilhar aspectos de uma expe-

riência vivida é atravessado pelas implicações que se constituem com o meio político-social circundante na pesquisa e pelos atores envolvidos: pesquisador, outros participantes, o contexto institucional e as expectativas que se produzem em torno das intenções da pesquisa. Todos esses elementos constituem a relação de pesquisa e também são analisados.

É o que Lourau (1993, 1995; Altoé, 2004) chama de análise de implicações - conceito que coloca o pesquisador a analisar o lugar que ele ocupa na pesquisa e os efeitos disso. É a visibilidade do pesquisador saindo da sombra, o reconhecimento do seu “lugar no campo” e do seu posicionamento no complexo campo de forças que ele “estuda”. Tal aspecto foi de crucial explicitação nesta pesquisa devido ao fato do primeiro autor/pesquisador apresentar uma relação diferenciada o campo por ser também um estudante de psicologia entre outros estudantes de psicologia e, tratando-se de colegas de curso, o pesquisador e os participantes de pesquisa já se conheciam e possuíam uma relação de amizade antes da realização da pesquisa. As experiências pessoais do próprio pesquisador na graduação motivaram-no a aprofundar-se na temática e também possibilitar espaços de expressão, escuta e transformação entre os outros colegas acadêmicos.

A pesquisa passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – COMEP/UNICENTRO, sob o número CAAE: 77269717.8.0000.0106 e parecer 2.305.320, de 29/9/2017. A partir do convite do primeiro autor realizado durante o período de aula na sala do 3º ano do curso de Psicologia da UNICENTRO, 11 estudantes manifestaram interesse em colaborar, sendo que seis deles de fato o fizeram. A escolha pelo início da investigação no segundo semestre (outubro de 2017), da terceira série do curso, ocorreu por ser aquela classificada pela maioria deles como muito pesada em termos de carga horária e atividades, e por ter sido, em 2016, a série dos estudantes que efetivaram a intervenção relatada no início do artigo.

Participaram da pesquisa dois homens e quatro mulheres, identificados aqui por nomes fictícios, com média de 21 anos de idade, moradores de cinco cidades do interior do estado do Paraná e uma do interior de São Paulo. No município do curso em que estudam, dois deles residem sozinhos e quatro com

outra pessoa. Nenhum deles trabalha, sendo que quatro tem ou tiveram bolsa de iniciação científica e dependem de meio passe estudantil para acesso ao transporte público municipal, sem que haja outro tipo de assistência estudantil na universidade em que estudam. As famílias dos participantes são compostas na média de 4,2 pessoas e ganham em média 5,25 salários mínimos (numa variação de 3,14 a 7,9), sendo que em cinco famílias a renda é mantida por duas pessoas e em uma é mantida por três, e em duas delas há gastos com Educação de dois de seus membros.

Todo o processo de pesquisa ocorreu em três momentos, com contornos do que foi denominado Magnabosco-Martins e Cecílio (2014) como manejo de narrativas. Em um primeiro momento as narrativas foram produzidas através de textos individuais pelos estudantes de maneira mais íntima; em um segundo momento as narrativas individuais foram compartilhadas e serviram de disparadores para discutir com os outros participantes do grupo; e em um terceiro momento ocorreu a elaboração de uma narrativa coletiva que representasse o grupo de participantes da pesquisa.

Devido a extensão e complexidade das informações produzidas no estudo, optou-se neste artigo em apresentar da primeira etapa, que consistiu na recepção e introdução dos estudantes à participação na pesquisa; leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido versando sobre os aspectos éticos; e a elaboração da narrativa individual. Foram produzidas seis narrativas escritas a próprio punho, expostas em 12 laudas, redigidas de forma livre, sem nenhum direcionamento outro que não o da questão deflagradora “o que é ser estudante de psicologia?”. Todos os participantes a redigiram ao mesmo tempo e local, levando cerca de uma hora e meia para fazê-lo

Considerando a perspectiva de Bertaux (2010), a análise das narrativas ocorreu de forma individual, momento em que buscamos o conhecimento profundo de como cada participante discursou sobre sua vivência na graduação, e a efetivação de um primeiro movimento de extração de elementos analíticos próprios de cada biografia, diante do sentido atribuído aos fatos, situações e experiências narradas, de forma a constituir um modelo empíri-

co de compreensão das informações ali presentes. Posteriormente, realizamos uma imersão comparativa das narrativas, tal como sugerido pelo autor, confrontando os percursos biográficos dos participantes, buscando recorrências e traços em comum que permitiram maior compreensão do relatado, sua conceituação e a classificação em categorias. Nelas dispusemos as características peculiares, as similitudes e as distinções do que fora narrado, bem como as justificativas para sua definição, com o cuidado de manter a coerência interna entre cada uma delas, alcançando um nível de saturação de análise preconizado por Bertaux, Para ele, “È por meio da comparação entre percursos biográficos que se percebem recorrências das mesmas situações, das lógicas de ação semelhantes; que se descobre, através de seus efeitos, um mesmo mecanismo social ou um mesmo processo.” (Berteaux, 2010, p. 121).

## Resultados e discussão

As narrativas produzidas pelos acadêmicos e acadêmicas expressaram sentimentos, pensamentos, afetos, posicionamentos e ideias que eles possuem em relação à vivência na graduação e em especial aquela experienciada em Psicologia. Mesmo que diante dos limites e rigidez de regras da linguagem escrita, demonstram uma complexidade do vivido de forma singular, ao mesmo tempo em que ressoa o coletivo, haja visto tamanho compartilhamento de semelhanças. São seis pessoas que relatam significativa diferença em si mesmas, em como viam e se colocavam no mundo entre os momentos que antecederam o ingresso na universidade e a experiência do 3º ano nela.

Nesse sentido, Marcia, Daniele e Juliano relatam o “sonho”, desejo e grande expectativa de ingressar em um curso de Psicologia. Para Daniele e Sandra o fato de terem ingressado em uma universidade estadual as faz vitoriosas, com a conquista do vestibular, de estar em “uma boa universidade”, em um curso integral e na própria psicologia, adjetivado como “privilégio”. Na perspectiva de Juliano, assim como ele, muitos colegas que entraram no curso “o propósito de aliviar o sofrimento de algumas pessoas, com a vontade de ao menos tentar fazer uma

diferença para melhor na vida e na forma de perceber as experiências vividas por essas pessoas.”, o que para Daniele é algo “gratificante”.

Contudo, para Antonio e Juliano, o cotidiano do curso é diferente do pensado idealmente em seu ingresso, vinculado a “uma etiqueta, um rótulo” (Antonio) e a “representação social do psicólogo” (Juliano), na qual o curso “parece bem mais bonito que é na prática.” (Juliano), já que esse sofrimento humano é mostrado de forma mais direta, sem tanto romantismo e mais dureza. Assim, embora Antonio soubesse que “não seria fácil estudar psicologia, contudo, as coisas (a realidade) tem sido bem mais dura do que eu imaginava”. Tais relatos apontam para certo descompasso com um ideário social da atuação do psicólogo e o que se apresenta como cotidiano de formação. Sobre esse aspecto, Igue, Bariani e Milanese (2008) relatam que o ingresso no ensino superior movimentava as expectativas do estudante, sendo que estas assumem um papel determinante na integração do aluno com a vida universitária. Os autores observam que o encontro e/ou o desencontro entre as expectativas iniciais e o que a instituição e o curso realmente oferecem podem constituir sentimentos ora de satisfação e realização pessoal, ora de frustração e decepção.

Polydoro (2000) assinala que, para o estudante, o período de ingresso é marcado pela euforia e idealização de que o novo ambiente educacional, que foi tão desejado, satisfaça suas necessidades, promova mudanças pessoais e o transforme em um profissional capacitado. A autora sustenta que podem ocorrer sentimentos de decepção e a impressão do aluno sobre a instituição pode deixar de ser tão positiva em decorrência do confronto da alta expectativa do estudante com as aulas, os professores e os procedimentos administrativos. A percepção da realidade da nova situação do contexto universitário em que ingressou e das necessidades de adaptação a ela, em confronto com a alta expectativa prévia, rompe com a “fantasia de que todas as dificuldades haviam se encerrado com o ingresso na universidade” (Polydoro, 2000, p. 21).

Mas também ocorrem modificações no âmbito privado, em que os estudantes precisam se preocupar ao mesmo tempo com os afazeres da casa, estudo e



vida social ou de lazer, conforme afirmam Antonio e Marcia. Segundo Antonio, eles estão “em uma fase de transição para a vida adulta e mercado de trabalho, vivemos um dilema da sociedade moderna entre ser responsável ou aproveitar a vida”.

Quanto ao cotidiano vivido no âmbito do curso, os estudantes narram sentir certa sobrecarga, provocada por cinco fatores: a) curso integral com grade curricular extensa, composta por grande quantidade de aulas; b) diversidade de teorias e disciplinas ministradas ao mesmo tempo, com suas respectivas práticas; c) quantidade de leituras, reflexões e/ou tarefas a serem desenvolvidas fora do horário de aula; d) conteúdo denso e inquietante; e) uma exigência ética da Psicologia.

No primeiro deles a questão a) curso integral com grade curricular extensa, composta por grande quantidade de aulas, cinco dos participantes adjetivavam a grade curricular como “densa”, “cansativa” e “pesada”, exigindo a permanência na universidade durante o dia todo, muitas vezes desde o início da manhã até o final da tarde. Elencam a 3ª série como a mais complicada que viveram até o momento, por haver muitas disciplinas e estágios, restringindo as possibilidades de realizar o que gostam mais de fazer, devido ao que precisam obrigatoriamente cumprir. Como afirma Marcia “a faculdade toma tempo demais da nossa vida”.

No que se refere a b) diversidade de teorias e disciplinas ministradas ao mesmo tempo, com suas respectivas práticas, as queixas se relacionam haver diversidade de referenciais teóricos, disciplinas e estágios a serem aprendidos e trabalhados concomitantemente, muitas vezes no mesmo dia. No caso do 3º ano, Antonio relata que “Somos obrigados a encarar 3 estágios e teorias/disciplinas que não são simples” sendo necessário investir energia e esforços em diferentes frentes de estudos e planejamento de intervenções. Segundo Antonio, “na graduação nos é exigido muito, (...) como o conhecimento de diferentes áreas de atuação e técnicas específicas.” Os relatos corroboram com o que Ferreira et al (2009) constatou sobre a relação entre as demandas acadêmicas intensas enquanto fatores produtores de estresse e ansiedade em universitários. Ainda assim, algumas experiências são consideradas positivas, como segue na afirmação de Marcia “Tem sido uma

experiência muito rica (os estágios e o encontro com os usuários).”

Mas não é apenas o que se faz dentro dos limites da sala de aula ou da universidade que inquieta os estudantes, e sim também um curso integral que é levado ao limite de uma vida integral. Trata-se da c) quantidade de leituras, reflexões e/ou tarefas a serem desenvolvidas fora do horário de aula, A experiência da universidade para além dela, com trabalhos e leituras em casa, estudar para provas ao longo da noite e finais de semana. “A gente sai da faculdade mas ela não sai de nós, minha cabeça volta e meia revive a faculdade. Acompanha o tempo todo.”(Juliano). Contudo, chama a atenção que Juliano, Marcia e Daniele pontuam a necessidade de estudar em casa como meio de compensar o que não foi satisfatório em sala por despreparo de docentes. Essa situação os deixa com a sensação de que pouco sabem ou que estão mal formados, gerando a insegurança de não saber o que fazer nos estágios e na vida profissional, assim como a frustração, desmotivação e a percepção de que poderia aprender melhor estudando em casa. Segundo Daniele, “Eu esperava bastante do curso, mas esse ano eu dei uma desmotivada, porque algumas disciplinas não foram bem o que eu esperava, isso me frustrou um pouco. Algumas vezes eu penso que no lugar de uma ou outra disciplina eu poderia estar lendo outras coisas que me interessam da Psicologia.”

Em seus estudos, Igue, Bariani e Milanesi (2008) constataram que estudantes com maiores expectativas se expõe a mais atividades e obtêm melhores resultados com as vivências acadêmicas. Conseqüentemente, mobilizam-se mais, inserindo-se intensamente nas atividades e recursos que o curso e a universidade oferecem. A composição altas expectativas-forte imersão-atuação na graduação pode vir a promover satisfação ou desgaste, dependendo dos resultados que o estudante obtenha ou de como conseguirá lidar com as conseqüências que dela advirão.

Não bastasse a quantidade de aulas, a diversidade de conhecimentos e atividades extras, um dos fatores de sobrecarga é o d) conteúdo denso e inquietante, com os quais os estudantes conhecem, discutem e intervêm com um outro concomitante a si

próprio, pois tem que se haver com questões que envolvem o outro ser humano e abrangem a si também. O estudante Antonio fala sobre disciplinas que lidam com questões humanas e sociais densas, sobre práticas e teorias que exigem “enfrentar a nós mesmos.” Juliano relata que “estudar os conteúdos da psicologia é sempre ‘perigoso’ pois são elementos que mexem, e de certa forma nos atacam, acredito que alguns conteúdos são tão fortes que nem sempre conseguimos trabalhar com eles sozinhos, são coisas que nos abalam de certa forma.”

Para Joana e Juliano, o estudo da Psicologia remete sempre a olhar o outro e voltar-se a si, criando uma expectativa de fazer algo em si com o conhecimento que está produzindo, “os convida a pensar e a mexer em estruturas.” (Joana), tanto de outras pessoas quanto de si, daquilo que já está assentado em si mesmo, algo que consideram típico das áreas de humanas e da saúde. Nas palavras de Antonio “Ser estudante de psicologia é estar o tempo inteiro questionando a si próprio, sua própria história, a história dos outros e a história do mundo em que vivemos” e ele relata isso como uma difícil realidade.

De forma paralela, podemos refletir sobre os achados de Marchi, Bárbaro, Miasso e Tirapelli (2013), nos quais salientam que os estudantes da área da saúde lidam, muitas vezes, com conteúdos, discussões e situações práticas altamente estressantes, como por exemplo da iminência de morte. Tais situações exaustivas trazem consigo um conflito e a exigência de um esforço de ajustamento e adaptação maior, surgindo, então, a necessidade de traçar estratégias que possibilitem a superação dessa situação.

Outro fator classificado como de alta sobrecarga para cinco dos estudantes foi o que denominamos de e) exigência ética da Psicologia, entendida por eles como a intensa e permanente convocação do curso para a responsabilidade consigo e com o outro, com a sociedade e o mundo. Para Antonio essa é sua grande dificuldade, “a responsabilidade de ajudar uma pessoa que o procura” e “acertar” em sua atuação, nomeado por Sandra como “essa ética que leva a minimizar o sofrimento das pessoas.” Para ela, o curso de psicologia os chama o tempo todo à “mudança no modo de ver o mundo e as outras pessoas. Um conhecimento que provoca deslocamentos, mudanças, novas formas de olhar.”

Juliano e Sandra falam do quanto é difícil e exigente constantemente pensar a si, sua história, a de outro e do mundo em que se vive, questionando-se frequentemente. Para Sandra, trata-se de “Uma ética perante o outro: ser estudante de psicologia e a visão de mundo que se tem, a maneira como lida com as situações cotidianas.” Em contraponto, Joana alerta para questões que envolvem esse olhar ao estudante e ao psicólogo, pois “Algumas coisas às vezes precisam ser quebradas, como por exemplo a neutralidade política e científica, a desconstrução da figura do psicólogo como alguém superior e sem sentimentos.”, impactando diretamente na compreensão que tem de si em relação com o mundo e das expectativas deste para com os estudantes e profissionais de psicologia.

Os efeitos do perfil profissional e do trabalho no bem-estar dos estudantes em suas narrativas se parecem ao que Pereira, Carreiro, Coutinho e Coutinho (2017) encontraram em seu estudo sobre ansiedade e trabalho com estudantes de psicologia. No que tange à essa problemática, Furtado, Falcone e Clark (2003) apontaram resultados semelhantes referentes à sobrecarga e a produção do estresse em estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro por conta da quantidade de avaliações e disciplinas, estudos para passar em provas de residência, preocupações com o futuro, exigências relacionadas ao desempenho e dedicação, contato com conteúdos densos e difíceis como a morte e o sofrimento.

Tais dados foram encontrados na produção de Marchi, Bárbaro, Miasso e Tirapelli (2013), ao apontarem que estudantes de enfermagem e outros cursos da área da saúde se configuram uma população que merece especial atenção por apresentar maior nível de ansiedade quando comparados a outras áreas de ensino. No estudo, os fatores causadores de ansiedade foram: a experiência da prática clínica, o lidar com o ser humano, o contato com o sofrimento psíquico, a observação constante dos instrutores no cenário da prática, o medo de cometer erros, sentimentos de inadequação e falta de inclusão em grupos.

Observando os relatos narrados pelos estudantes para expressar as dificuldades com a exigência ética, o compromisso e a responsabilidade produ-

zida no curso de psicologia, entendemos que a formação do psicólogo e da psicóloga proposta pela UNICENTRO, intenciona produzir mudanças referentes a um posicionamento crítico, ético e comprometido na formação dos jovens graduandos, inclusive conforme preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da Psicologia (Resolução nº 15, 2011).

Podemos ainda relacionar as exigências relativas às mudanças relatadas pelos acadêmicos e acadêmicas de psicologia ao que Ferreira et al (2009) escreveu sobre as profundas transformações ocorridas no âmbito econômico, social e cultural na contemporaneidade e a vivência das pessoas em um cotidiano com muitas exigências e adaptações a novos ritmos de vida. Mais especificamente no caso dos acadêmicos, sobre a crise vivenciada pela adaptação a um novo papel social – o de adulto jovem (Ferreira et al, 2009). Nota-se que tornar-se esse adulto-jovem que adentra o mercado de trabalho enquanto psicólogo ou psicóloga na sociedade contemporânea tem constituído também um cenário de exigências que tem produzido desconforto, ansiedade e sofrimento nos estudantes.

O sofrimento é entendido pelos participantes como resultado da correlação dos aspectos desse complexo processo que se dá na graduação, assumindo as formas de distanciamento de familiares, amigos e atividades prazerosas; cansaço geral e mental, disfunções no sono, nervosismo, preocupação, ansiedade, angústia, culpa, tristeza e pressão. Para cinco deles, tamanha é a amplitude, proporção e a centralidade que as demandas universitárias vão assumindo em suas vidas, que acabam por invadir o espaço, o tempo e a energia dos estudantes para estar com os amigos, a família, companheiros ou de dedicar ao descanso, lazer ou ócio. Marcia declara “Querida não ser só estudante de psicologia, queria ser filha, amiga, namorada, irmã...” Nessa direção, restam perguntas sobre como eles têm manejado suas prioridades, tempo e investimento feito a cada aspecto de sua vida e por fim, se há a perda desses vínculos e convívio ou se eles ocorrem em descompasso com a intensidade desejada ou necessária para eles.

Tanto o cansaço geral quanto o mental foram atribuídos como resultados da sobrecarga de horários e atividades a fazer, assim como a falta de tempo

para dormir, com sono agitado ou não dormir por ficar pensando no dia seguinte. Relatam estudar, terminar trabalhos ou prepararem intervenções de estágio por longas jornadas na madrugada, muitas vezes acordando cedo para ir a universidade, como no caso de Joana e Daniele. Sob uma ótica mais apurada, é fazer tudo isso repensando a si e as suas características, como se pode perceber em um exemplo utilizado por Joana, a partir da fala de um professor “a psicologia tem que mexer coisas em vocês mesmo, se não tá mexendo é porque não faz sentido”, o que provoca constante estado de atenção e o conseqüente cansaço mental.

Sandra faz um relato bastante expressivo do que apareceu nas seis narrativas: “ser estudante de psicologia não nos deixa imune do sofrimento psi que, muitas vezes, toma conta. Em muitas situações, sinto uma pressão enorme para obter os resultados esperados e fazer mais do que tenho capacidade de suportar. Não anulo minha responsabilidade diante dos afazeres da graduação, mas às vezes não dou conta”. Essa sensação de insuficiência é compartilhada por Joana por entender que os sintomas que tem vivido “revela o quanto sinto dificuldade em “aplicar” práticas mais saudáveis em minha vida acadêmica e pessoal.”

No caso de Juliano, a pressão aparece vinculada ao receio de não saber o que fazer ao atender uma pessoa que está em sofrimento e precisa de ajuda, principalmente quando a houver uma situação limite como no caso de tentativa de suicídio. “Eu sinto medo de me formar e não saber o que fazer, não saber onde vou trabalhar e como será essa experiência”. Algo semelhante é expresso por Antonio ao afirmar que um dos fatores de seu adoecimento é justamente “entrar em contato com aquilo que o humano esconde, ignora, desconsidera.” Para Daniele, a busca de ser psicóloga é isso: “poder futuramente atuar em diversas áreas buscando minimizar o sofrimento das pessoas.”

A ansiedade aparece quando com a espera de Marcia pela correspondência de seus colegas que também são amigos, das atividades a realizar, a ponto de começar a cobrar, gerando conflito na relação. Surge na espera e preparação de provas e apresentações, situações que levam Daniele, por exemplo, a ficar nervosa e ansiosa a ponto de não

conseguir estudar ou demorar para fazê-lo, “enrolar” e se culpar por isso. Ocorre de “estudar e perceber que ainda não sei nada, eu gosto muito do curso e muitas vezes é um assunto que me interessa bastante mas não sei porque, não consigo, daí tento me regrar e pensar que tenho que estudar” (Daniele). Sua “tristeza” surge ao não conseguir o desempenho que desejaria nas avaliações do curso.

Duas questões foram apontadas nas narrativas como importantes para o bem estar dos estudantes, o que se pode chamar de fatores protetivos: a relação com os colegas e com os professores. Antonio, Marcia e Daniele, em especial, marcam as trocas de experiências e o apoio mútuo entre os estudantes, como auxiliares nos momentos de maior sofrimento, ao mesmo tempo que a compreensão da maioria dos professores em manejar prazos ou em entender que não há a possibilidade do estudante aprender tudo ao longo dos cinco anos do curso.

Joana e Daniele citaram de forma contundente a necessidade de que a universidade forneça o que chamaram de “suporte psicológico” a todos os estudantes, em especial aos de psicologia, pois parece “contraditório” para Daniele, “que nos preparamos para atender seres humanos em sofrimento mas não falamos sobre o nosso próprio sofrimento”. Ela é acompanhada por Joana que pondera a importância de “um apoio ou espaços de escuta e acolhimento”, algo a ser levado em conta inclusive para a formação, de forma a possibilitar conhecer e analisar bem “as formas de subjetivação e produção de vida do nosso tempo”. E complementa: “os sofrimentos devem ser vistos e revistos com responsabilidade por parte dos estudantes e representantes da instituição.” (Joana).

Em contrapartida, constatamos não só a produção de sofrimento psíquico na vivência universitária mas também a ausente e/ou limitada reflexão do papel da instituição Universidade com as constantes modificações do mundo e seus efeitos nos estudantes. Concordamos com Bardagi e Huts (2005) que a tentativa de atender a todos os estudantes com as mesmas propostas, metodologias e recursos de um tempo passado leva ao insucesso. É necessário que as instituições considerem que hoje acessam o ensino superior alunos com que apresentam distintas desempenhos, condições socioeconômicas e histórias de

vida, sendo urgente que os cursos considerem essas variações e se preparem para lidar com elas.

Ao final do encontro de elaboração de narrativas, os estudantes expressaram o quanto se sentiram respeitados e ouvidos, ao poderem se expressar livremente e relatar um pouco de sua vivência atual do curso. Foi avaliado como facilitador ainda, que a pesquisa tenha sido proposta e conduzida por um estudante do curso, conhecido pelo seu envolvimento com as discussões e ações de saúde mental na universidade, favorecendo a sensação de aproximação, identificação e acolhimento.

Nessa direção, é preciso reconhecer nossa intensa mobilização em todas as etapas da pesquisa, desde sua concepção, exigindo constante análise de implicações (Lourau, 1993 e 1995), haja visto seus lugares de estudante e docente em Psicologia. O tempo todo nos propúnhamos a entender “o nó de relações” presente nas pesquisas qualitativas, revelando e discutindo as vinculações afetivas, libidinais, profissionais, políticas e institucionais que o pesquisador possui com o campo que investiga, considerando-se ainda as pertencas, referências, motivações e os investimentos produzidos nos encontros. A essas ponderações, acrescenta-se a importância da análise das produções sócio-culturais, políticas e econômicas que atravessam a organização estudada e constituem os sujeitos que dela participam, a fim de compreender o campo de forças ali presentes (Lourau, 1993, 1995 e 2004).

Desse modo, podemos afirmar que o próprio estudo foi nos transformando, provocando reflexões e deslocamentos, em um processo constante de resignificação do vivido dentro e fora da relação da pesquisa, imersos nos estatutos de pesquisadores e envolvidos diretamente na mesma graduação em debate. Assim, colocamo-nos a pensar sobre o sofrimento do outro e também o nosso, e do quanto ainda faltam subsídios para conhecer e debater mais ampla e profundamente tudo o que compõe essas vivências e o contexto universitário, de modo a produzirmos mais saúde e menos doença, mais bem estar do que desconforto, nem tampouco cairmos na armadilha da culpabilização daquele que está mais perto ou apenas da instituição de que participamos, sob o risco de causarem mais sofrimento.

## Considerações finais

As ações e discussões sobre saúde mental e sofrimento psíquico na universidade estudada e no contexto universitário nacional produziram indagações que impeliram a busca por melhor compreensão de como tem se dado a experiência de vida dos estudantes no contexto acadêmico e mais especificamente, no curso de Psicologia. Essas vivências e seus significados não são descolados nem do contexto social, cultural e histórico em que vivemos, tampouco das singularidades de cada pessoa que participou e contou nessa pesquisa sobre como é ser um estudante de psicologia em uma universidade pública do interior do Paraná.

Uma de nossas conclusões foi perceber que as Instituições de Ensino Superior em seus cursos de graduação não formam apenas profissionais para o mercado de trabalho. Formam também pessoas, sujeitos e modos de viver, entender e se relacionar com o mundo na complexa trama de possibilidades constitutivas que é a vida e as subjetividades nela presentes. É nessa mesma complexidade que residem as produções ora de bem-estar e realização pessoal, ora de sofrimento psíquico.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa voltada a um público específico, os resultados encontrados não devem ser generalizados a outros contextos e, nesse sentido, são essenciais outras pesquisas com maior número de acadêmicos, de distintos cursos e instituições. Contudo, os relatos levantados mostram indicativos e apontam caminhos para o estudo da produção de vida, saúde e adoecimento na universidade na contemporaneidade. A investigação apontou para a multiplicidade de modos de ser estudante e experimentar a graduação, e para a complexidade dessa vivência se dar em um mundo em constante mutação e produção de demandas. Para os participantes da pesquisa, a condição de ser estudante de graduação e mais especificamente de psicologia conduz a um compromisso de formar-se e amadurecer para ser um profissional que dê conta do sofrimento de um outro, produzido na mesma sociedade em que estão inseridos, ao mesmo tempo que o ser estudante está sendo construído, em iguais estimulações, tornando-se algo muito penoso.

Indica ainda a urgência da Universidade e seus diferentes atores refletirem sobre seu papel diante de novas questões oriundas da maior diversidade de estudantes e suas necessidades e, para tanto, é fundamental que todos os envolvidos na organização universitária coloquem-se permanentemente a analisar suas implicações. Nesse sentido, problematiza os questionamentos de como temos construído o ensino superior no país diante da diversidade de experiências, expectativas e condições que os estudantes possuem para nele se formar e se tal sistema educativo tem sido capaz de acolher essa pluralidade concreta e também subjetiva. Como a universidade tem dado conta de dar suporte/acolher essa pluralidade? Os estudantes apontam caminhos internos e recursos quanto aos professores serem mais acolhedores e reverem suas práticas, ao conjunto de professores e do curso em repensarem o currículo e como conduzir a graduação e a Universidade em construir espaços institucionalizados de apoio, seja em grupo ou individualmente, que lide com questões objetivas como moradia, alimentação, transporte, ou subjetivas com apoio a aprendizagem, psicoterapia ou grupos terapêuticos, dentre outros.

### Contribuições dos autores

Pellá, L. M. contribuiu com a montagem de todo texto e sua adequação às normas da revista. Magnabosco-Martins C. R. contribuiu com a revisão de todo o texto e da construção ativa da metodologia, resultados, discussões e considerações finais.

### Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

## Referências

- Altoé, S. (Org.). (2004). *René Lourau: Analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec.
- Bardagi, M., & Hutz, C. M. (2005). Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão de literatura brasileira. *Psicologia Revista*, 14(2), 279-301. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18107>

- Bertaux, D. (2010). *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos* (2a ed.) Natal: EDURFN; São Paulo: Paulus.
- Resolução nº 15, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Recuperado de [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192)
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(3), 525-535. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a11.pdf>. doi: [10.1590/S0102-79722003000300011](https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300011)
- Dutra, E. (2012). Suicídio de Universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3). Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8229/5985>
- Ferreira, C. L., Almondes, K. M., Braga, L. P., Mata, A. N. S., Lemos, C. A., & Maia, E. M. C. (2009). Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 973-981. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n3/33.pdf>. doi: [10.1590/S1413-81232009000300033](https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000300033)
- Furtado, E. S., Falcone, E. M. O., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7(2), 43-51. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/3222/2584>
- Gomes, J. P. (2017). Estresse: quando a faculdade vira "máquina de moer gente". *Jornal da USP* [Internet]. Recuperado de <http://jornal.usp.br/ciencias/estresse-quando-a-faculdade-vira-maquina-de-moer-gente/>
- Igue, E. A., Bariani, I. C. D., & Milanesi, P. V. B. (2008). Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *Psico-USF*, 13(2), 155-164. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v13n2/v13n2a03.pdf>. doi: [10.1590/S1413-82712008000200003](https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003)
- INEP/MEC. (2014). *Resultados do censo da educação superior* [Internet]. Recuperado de <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>
- Lourau, R. (1995). *A análise institucional*. Petrópolis: Vozes.
- Lourau, R. (1993). *Análise institucional e prática de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.
- Lourau, R. (2004). Implicação e sobreimplicação. In: Altoé S, organizador. *René Lourau: Analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec.
- Magnabosco-Martins, C. R., & Cecilio, L. C. O. (2014). O "manejo de narrativas" em pesquisas qualitativas: estudo em um órgão regional de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 14(4), 363-369. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v14n4/1519-3829-rbsmi-14-04-0363.pdf>. doi: [10.1590/S1519-38292014000400006](https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000400006)
- Marchi, K. C., Bárbaro, A. M., Miaso, A. I., & Tirapelli, C. R. (2013). Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 15(3), 731-739. Recuperado de <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/18924>. doi: [10.5216/ree.v15i3.18924](https://doi.org/10.5216/ree.v15i3.18924)
- Melucci, A. (2005). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Trad. Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis: Vozes.
- Moreira, M. I. B., & Onocko-Campos, R. T. (2017). Ações de saúde mental na rede de atenção psicossocial pela perspectiva dos usuários. *Saúde e Sociedade*, 26(2), 462-474. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n2/1984-0470-sausoc-26-02-00462.pdf>. doi: [10.1590/s0104-12902017171154](https://doi.org/10.1590/s0104-12902017171154)
- Oliveira, G. F., Pereira, T. N., Carreiro, D. L., Coutinho, W. L. M., & Coutinho, L. T. M. (2017). Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia? *Revista Laborativa*, 6(1 especial), 27-42. Recuperado de <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa/article/view/1488/pdf>
- Campos, R. O. (2011). Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 21(4), 1269-1286. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/physis/v21n4/a05v21n4.pdf>. doi: [10.1590/S0103-73312011000400006](https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000400006)
- Pereira, A. G., & Cardoso, F. (2015). Ideação suicida na população universitária: uma revisão de literatura. *Revista E-Psi*, 5(2), 16-34. Recuperado de <https://revistaepsi.com/wp-content/uploads/artigos/2015/Ano5-Volume2-Artigo2.pdf>
- Pires, A. P. (2008). Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In J. Poupard, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & A. P. Pires. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 43-94). Petrópolis: Vozes.

- Polydoro, S. A. J. (2000). *O trancamento da matrícula na trajetória acadêmica do universitário: condições de saída e retorno à instituição* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253539/1/Polydoro\\_SoelyAparecidaJorge\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253539/1/Polydoro_SoelyAparecidaJorge_D.pdf)
- Vasconcelos-Raposo, J., Soares, A. R., Silva, F., Fernandes, M. G., & Teixeira, C. M. (2016). Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia*, 33(2), 345-354. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n2/0103-166X-estpsi-33-02-00345.pdf>. doi: [10.1590/1982-02752016000200016](https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200016)